

NACHBIN, Leopoldo. *Entrevista e Entrega do Título de Professor Honorário pela Universidade Estadual de Campinas.* Campinas, UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1989.

Apresentação:

Rosilene (Centro de Lógica)

Entrevistadora:

Vera Rita (Revista Ciência Hoje)

Participantes:

Jorge Alberto Maroso (UFRJ)

Jorge Mujica (UNICAMP)

Luís Paulo de Alcântara (UNICAMP)

Mário Matos (UNICAMP)

Transcritor: Mário Danieli Neto (CLE/UNICAMP)

Proibida a publicação no todo ou parte; permitida a citação.

Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação da fonte.

LEOPOLDO NACHBIN

Depoimento de 17.08.1989

Apresentação: Rosilene (Centro de Lógica Unicamp)

Participantes:

Jorge Alberto Maroso (UFRJ)

Jorge Mujica (UNICAMP)

Luís Paulo de Alcântara (UNICAMP)

Mário Matos (UNICAMP)

Fita 1 lado A

ROSILENE: Eu sou Rosilene, represento o Centro de Lógica da Unicamp, gostaria de agradecer ao prof. Leopoldo Nachbin por nos ceder um espaço de seu precioso tempo. E o objetivo dessa entrevista é resgatar a memória científica nacional. Gostaria de apresentar Vera Rita, vai ser a entrevistadora, trabalha na revista Ciência Hoje e faz o perfil dos cientistas. Gostaria de passar agora, a palavra para o prof. Jorge Mujica para fazer a apresentação dos professores.

JORGE MUJICA: Um dos professores aqui é o professor Mário Matos, professor da Unicamp e ele foi aluno de doutorado do prof. Nachbin na Universidade de Rochester. Aqui está também, o prof. Luís Paulo de Alcântara, da faculdade de Filosofia da Unicamp e que conhece o prof. Nachbin há vários anos. Temos também aqui, o professor (?) da Ken State University (?), Estados Unidos, também foi aluno de doutorado do prof. Nachbin na Universidade de Rochester. Temos também aqui o prof. Jorge Alberto Maroso, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foi aluno de doutorado do prof. Nachbin no IMPA (Instituto de Matemática Pura e Aplicada) no Rio de Janeiro. Eu fui também aluno de doutorado do prof. Nachbin na Universidade de Rochester e atualmente sou professor na Unicamp.



VERA RITA: Eu acho que diante da ajuda possível aqui, eu acho que a gente deveria centrar a entrevista na sua produção e numa avaliação de como anda a matemática no Brasil. Em termos gerais, eu pediria que o senhor me falasse quais as linhas de pesquisa em que o senhor trabalhou, e avaliasse o desenvolvimento das suas pesquisas, desde o primeiro trabalho, até atualmente.

LEOPOLDO NACHBIN: Bom, eu gostaria também que vocês me provocassem com perguntas, porque eu posso ficar monótono ou ir numa direção que não é a que interessa do ponto de vista do seu trabalho. A pergunta foi... as linhas de pesquisa, não é?

VERA RITA: Em que já trabalhou.

LEOPOLDO NACHBIN: Eu comecei me interessando por equações diferenciais ordinárias, pouco depois, eu passei a me interessar por séries trigonométricas clássicas, de livre e espontânea vontade e por um processo também que eu nem lembro mais como, eu passei a me interessar por Análise Funcional, lembro que um amigo, Francisco Mendes de Oliveira Castro, me emprestou um livro do (?), esse livro teve uma influência muito grande sobre a minha formação, quer dizer, ali encontrei coisas que eu havia redescoberto sem saber que eram coisas conhecidas e aprendi coisas muito além do que poderia ter imaginado.

MÁRIO MATOS: Em que ano?

LEOPOLDO NACHBIN: Isto foi, digamos, entre 1942 a 1945, mais ou menos.

Depois houve influência de um matemático português, aliás, meu interesse por Equações Diferenciais inicial, foi por influência de um matemático italiano, Gabrielle Mamana, que veio ao Brasil, num convênio entre os ministérios da Educação do Brasil e da Itália.

Posteriormente, em torno de 1945, veio ao Brasil, o matemático português Antônio Monteiro, que era fundamentalmente um lógico, mas se interessava por análise, inclusive já havia feito a tese de doutorado dele em Paris, sob a orientação... uma tese sobre Equações

Integrais, sob orientação de Frechet, Maurice Frechet, e por influência do Monteiro, que como um lógico que se interessava por álgebras de Boole, passei a me interessar por conjuntos ordenados, reticulados, distributivos e álgebras de Boole.

Isso foi uma influência, quer dizer, acho que por minha livre e espontânea vontade, talvez eu nunca tivesse estudado conjuntos ordenados. Mas o Monteiro teve uma influência sobre meu gosto a tal ponto que, quer dizer, eu comecei a desenvolver minhas próprias idéias, bem ou mal, não sei, por exemplo, terminei fazendo minha tese de livre docência na área de topologia, mas utilizando reticulado das topologias que se pode introduzir num conjunto determinado. E a minha tese de concurso à prof. titular chamava-se "Topologia e Ordem", foi exatamente um estudo, uma generalização, de certos aspectos da topologia geral, quando sobre um espaço topológico, a gente introduz uma relação de ordem e estuda a interrelação entre a topologia e a ordem.

Essa foi minha tese de professor titular, que posteriormente foi para os Estados Unidos em inglês e publicada nos Estados Unidos e reeditada mais tarde. Depois, em 1947, estive no Brasil, Marshall Stone, matemático muito famoso, norte americano, também muito boa pessoa, que ajudou muitíssimo na minha carreira de muitas formas, e ele deu um curso na Faculdade Nacional de Filosofia, que existia naquela época, não existe mais, sobre Anéis de Funções Contínuas.

Ele tinha acabado de publicar um artigo expositório em que ele redemonstrava o teorema famoso, conhecido como teorema de Stone Weierstrass, Teorema da Aproximação de Stone Weierstrass, e deu um curso sobre esse tema e as aplicações disso. E esse curso teve uma influência muito grande na minha carreira porque, digamos assim, despertou em mim o interesse por um capítulo que eu poderia muito... de aproximação.

Mais ou menos nessa época, eu não me lembro se um pouco antes ou um pouco depois, creio que um pouquinho antes, passou pelo Rio, um matemático húngaro, que estava radicado na Colômbia, John Robert, que realizou no CBPF, algumas conferências sobre a Teoria da Aproximação Ponderada. E eu também...eu fui muito influenciado por esse curso do Robert, ele não só é um ótimo expositor, mas eu acho que o curso... é um clássico. Feito na reta. Reproduzindo mais ou menos, algumas conferências que ele havia



feito na Espanha, mas esse curso teve uma influência excepcional no meu trabalho posterior.

Em 1960, bom, desde o começo, por um processo que eu nem sei explicar, eu tive interesse natural sobre Espaços Vetoriais Topológicos, tanto que em mil novecentos... creio que 1946, 1947, eu dei um curso na Faculdade Nacional de Filosofia, sobre Espaços Vetoriais Topológicos, redigi uma monografiazinha a esse respeito.

MARIO MATOS: Foi o primeiro texto em Espaços Vetoriais Topológicos produzido no mundo.

JORGE MUJICA: Aparece citado no livro de Topologia Geral de John Kelley.

LEOPOLDO NACHBIN: Exatamente...

MÁRIO MATOS: Foi o primeiro texto em ...(?)

LEOPOLDO NACHBIN: É, quando eu olho, até eu digo para mim: não era tão burro assim não. Engraçado, quer dizer, eu tinha uma certa, digamos, iniciativa que é típico do pessoal jovem, que hoje eu não tenho mais.

Mas em 1960, eu passei três meses, quatro meses na Universidade(?) de 1960 para 1961, de dezembro de 1960 para março de 1961. E neste período, eu me dediquei intensamente a procurar desenvolver as idéias que eu tinha, sobre Teoria da Aproximação, influenciadas pelo curso no Rio, e o artigo do Marshall Stone, pelas palestras no Rio do Robert, e por um artigo que tinha acabado de aparecer no American Journal Mathematics do Malliavin.

Eu passei 3 meses trabalhando, trabalhando, e no fim, eu consegui realizar o que eu julgava que devia ser feito na ocasião. E eu fiz uma conferência sobre isso em alguns lugares, entre os quais, o Instituto de Princeton. E dei um artigozinho a ser publicado ao (?) que apareceu na National Academy of Sciences.



Mas depois, de 1961 a 63, eu passei em Paris e sabia que aquilo que eu tinha feito, que eu havia publicado, não era a forma definitiva, era o que eu era capaz de fazer até aquele momento. Mas em Paris, eu repensando afinal, achei o que me pareceu ser a forma definitiva dentro do meu ponto de vista.

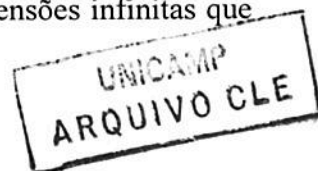
Nada em matemática é definitivo, não é? Dentro do meu ponto de vista, o que me pareceu ser a forma definitiva, e aí eu dei um curso na Universidade de Rochester, publiquei um artigo sobre esse assunto no (?) Mathematics, esse curso, eu redigi, depois foi publicado por uma monografia nos Estados Unidos, e com isso, mais ou menos, dei por encerrado meu interesse por Teoria da Aproximação, no caso Aproximação Ponderada.

No caso, de Funções Contínuas. Mais tarde eu voltei a me interessar por Teoria da Aproximação, no caso diferenciáveis, seja por causa de uma nota que eu havia feito, quando eu estava em Chicago, mais ou menos em 1949, publiquei uma notinha no (?) da Academia de Paris, dando uma versão possível do Teorema de Densidade de Stone Weierstrass, no caso diferencial, no caso análogo, e seja também por influência de idéias que tinham sido desenvolvidas por João Bosco Prolla, que também se interessava por Aproximação de Funções Diferenciáveis, como também por coisas que haviam sido feitas por Guido Zapata, no caso das Funções Continuamente Diferenciáveis.

Em 1963 a 1965, eu passei dois anos na Universidade de Rochester. E me propus a desenvolver uma Teoria da Aproximação, Teoria das Distribuições em dimensão infinita. Para isso, eu tentei fazer o que era conhecido em dimensão infinita de maneira intrínseca, quer dizer, um espaço natural de dimensão finita, mas sem usar um sistema de coordenadas, mas a teoria da dimensões de dimensão infinita, eu não consegui fazer.

Mas num processo de tentar isso, eu redescobri sem saber que era uma coisa super conhecida há muitos anos, a noção de função holomorfa em espaços de normados. E também, eu digo as vezes, não era tão burro assim, porque eu descobri exatamente a forma correta, eu redescobri que ela era conhecida, uns anos para cá.

Porque há outras versões que por definição de polinômio, a gente pode imitar no caso a dimensão infinita, o que é feito em dimensão finita, e há imitações que inspiram a definição errada. Errada não, certa, mas não tão ampla quanto se desejava. E foi esse curso, essa tentativa de tentar desenvolver uma teoria de distribuição das dimensões infinitas que



LEOPOLDO NACHBIN

me levou ao estudo das funções holomorfas em dimensão infinita, que me ocupou a partir daí muitos anos.

VERA RITA: Se o senhor tivesse que destacar um trabalho, ou período que julgasse mais profícuo, qual o senhor destacaria?

LEOPOLDO NACHBIN: Um trabalho?

VERA RITA: Um trabalho, um período, ou uma linha de pesquisa que mais empolgou, rendeu frutos.

LEOPOLDO NACHBIN: Isso é muito difícil de responder. Se você me perguntasse qual foi o trabalho que eu mais vi citado, é um trabalho que eu publiquei em 1950, no... Transaction (?) American Mathematics Society, sobre Teorema de Hahn-Banach, para aplicações entre espaços normados, invés de formas lineares. Esse trabalho foi muito citado.

JORGE MUJICA: (?)

LEOPOLDO NACHBIN: É, também é outro, é um tema muito citado.

JORGE MUJICA: Acho que são os dois mais citados.

LEOPOLDO NACHBIN: É, agora, agora não sei dizer, quer dizer, acho que o número de citações não é necessariamente uma medida. Muita gente toma como medida do interesse, do valor, mas não é necessariamente.

Eu acho que entre as coisas que eu fiz e que eu acho que eu gosto mais, é que eu fiz em Teoria da Aproximação e a que eu fiz em Aplicações Holomorfas. Dimensão infinita.

MÁRIO MATOS: Posso intervir?

LEOPOLDO NACHBIN: Pode.



MÁRIO MATOS: O livro *Topologia e Ordem*, que foi a tese de 1950. O que me chamou a atenção, foi a preparação do discurso que eu vou fazer mais tarde, foi que ele foi traduzido para o inglês, você produziu isso em 1950, foi traduzido para o inglês e publicado em 1964/65. E outra vez em 1976. Um trabalho feito em 1950, teve interesse suficiente para ser republicado 26 anos depois. Então, isso mede um pouco o interesse de um trabalho como esse, quer dizer, uma coisa 26 anos mais tarde, em matemática, isso é muito difícil? Ser publicado novamente por uma editora internacional?

LEOPOLDO NACHBIN: Mas para mim foi pena ter levado tanto tempo para aparecer, porque aconteceu o seguinte: essa tese eu apresentei em 1950, e era para um concurso que seria realizado mais ou menos imediatamente, mas por razões de política universitária e rivalidade de grupos, etc., essas bobagens que existem em tudo que é lugar, o concurso terminou sendo engavetado.

E me disseram que eu não podia publicar a tese porque isso invalidaria a sua defesa num concurso público. Mas lá pelas tantas, eu me convenci que o concurso nunca sairia. E o (?) se interessou em publicar o trabalho, foi publicado pela North Holland, pela (?), depois foi reeditado pela Krieger.

Para mim foi ruim ter demorado tanto assim para ser publicado, porque o meu trabalho em português foi comentado em *Matemática Preview*, mas você sabe, português muita gente não lê e então esse meu trabalho demorou muito tempo para ser conhecido. Terminou sendo conhecido, mas isso para mim, essa demora, foi ruim em termos de prioridade, de crédito.

Posteriormente, quando eu desisti de, posteriormente, depois da tese ter sido publicada, eu, a universidade, aí mudou a situação política, a universidade um dia mandou um recado pelo Jorge Alberto, perguntando se me interessaria realizar o concurso, realizei, terminei, o concurso foi aberto em 1950, terminei realizando em 1972, 22 anos depois. Podendo atualizar meu curriculum vitae, mas tendo que defender a mesma tese.

Eu acho que talvez na UFRJ, eu sou campeão dos concursos que demoraram a ser realizados. Tem uma escritora, professora de literatura, muito conhecida no Rio, Bella

Joseph, ela uma vez me telefonou para saber que que eu havia feito para o meu concurso sair. Mas eu não fiz nada, esperei, porque o dela também demorou muito tempo, mas terminou saindo em 17 anos, mas que eu saiba, eu sou o campeão.

VERA RITA: Como o senhor avaliaria a matemática no início da sua carreira?

LEOPOLDO NACHBIN: Olha, quando eu era um estudante... bom, eu fui para o Rio para estudar matemática. Meu professor em Recife me aconselhou a vir para a Escola Militar ou para uma escola de engenharia, porque era nessas escolas que a gente aprendia cálculo, geometria analítica e isso era matemática para eles naquela ocasião. Prof. do Ginásio Pernambucano, Luiz Ribeiro. Ele deveria ter me aconselhado a vir para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em São Paulo, que já existia.

Mas eu fui para o Rio, e como não queria ser militar, eu fui para a Escola Nacional de Engenharia, me formei em engenharia, sou engenheiro por engano. Quando eu estava no primeiro ano de engenharia, ouvi falar, havia uma Faculdade Nacional de Filosofia e comecei a seguir os cursos na Faculdade Nacional de Filosofia como ouvinte. Naquela época, São Paulo era de longe muito melhor matematicamente que o Rio de Janeiro. Não tem nem comparação.

E a Argentina era de longe, muito melhor matematicamente que o Brasil, não tem nem comparação. Aliás, matematicamente, economicamente, futebol também. Só não em samba, mas futebol também. O Brasil perdia da Argentina facilmente. Mas com o correr do tempo, a matemática no Rio começou a se desenvolver, eu creio que sobretudo, por influência do IMPA. E hoje em dia... a sua pergunta foi...?

VERA RITA: Uma avaliação da matemática no seu início de carreira.

LEOPOLDO NACHBIN: Ah, no meu início de carreira.

VERA RITA: Mas pode ser em relação a produção atual.



LEOPOLDO NACHBIN: É, no meu início de carreira, o que eu tenho a dizer é isso, no meu início de carreira...

VERA RITA: A sua opção pelo Rio se deveu a uma questão pessoal?

LEOPOLDO NACHBIN: Não.

VERA RITA: Ou a orientação?

LEOPOLDO NACHBIN: No ginásio pernambucano era... no primeiro ano, eu quase fui reprovado em matemática. Mas depois, até minha mãe foi ao ginásio pernambucano para verificar se não tinha havido algum erro na correção da prova, mas não tinha havido não, eu simplesmente não entendia esse negócio de pôr um problema em equação, chama de "x", aí escreve a equação, resolve a equação, como eu fiquei muito encabulado com essa reação de minha mãe, eu terminei, eu fiz um esforço, terminei aprendendo por mim mesmo esse mecanismo, tão simples, mas tão difícil para um principiante, de pôr o problema em equação e resolver a equação.

E pelo fato de eu ter compreendido isso por mim mesmo, acho que eu terminei tomando um gosto por matemática, e a partir do segundo ano, eu me tornei o melhor aluno em matemática do ginásio pernambucano. Quando eu não tirava a nota máxima, era um escândalo no ginásio.

E meu professor de lá, Luis Ribeiro, me aconselhou que eu fosse para o Rio. Qual foi sua pergunta mesmo?

VERA RITA: Uma avaliação, ou porque da opção.

LEOPOLDO NACHBIN: Foi isso, quer dizer, ele aconselhou, ele achou que em Recife eu não teria ambiente para desenvolver o meu gosto pela matemática e aconselhou a minha mãe a se transferir para o Rio, ela como era uma mãe muito zelosa e se interessava muito pela

educação dos filhos, transferiu-se para o Rio, não obstante a situação econômica difícil que a gente vivia.

Eu tinha perdido meu pai quando tinha 7 anos. Nos transferimos para o Rio e fui ser matemático no sentido de estudar cálculo e geometria analítica. Aí eu descobri o que era a matemática e lá pelas tantas, eu disse a ela que embora eu me formasse em engenharia, na realidade eu queria ser matemático, professor de matemática. Ela não entendeu muito bem, o que queria dizer ser matemático, sobretudo no Brasil daquela época, entre 1939 e 1941, quando eu me formei.

Mas ela disse: _ "Tudo bem! Se é isso que você quer ser, que Deus nos ajude!"

E foi assim, agora,... diga.

MÁRIO MATOS: Uma curiosidade. Exatamente em relação a pergunta dela. Olhando a literatura e os jornais internacionais, a gente raramente encontra, antes dessa época, autores brasileiros. Quer dizer, claro que eu não fui olhar procurando autores brasileiros que publicassem matemática, então você que viveu a época, quer dizer, havia algum brasileiro publicando em jornais internacionais nessa época de 30 até 1940, por aí?

LEOPOLDO NACHBIN: Acho que não, acho que não.

MÁRIO MATOS: E a impressão que eu tinha é que você foi a primeira pessoa que se projetou do ponto de vista internacional.

LEOPOLDO NACHBIN: Não, acho que o Cândido Lima da Silva Dias antes de mim.

Ele fez uma tese de, para professor titular, professor titular eu acho, que é um trabalho muito bom, quer dizer, o que ele fez nessa tese, foi feito simultaneamente por Köther e por Grotandic (?), um trabalho muito bom e eu acho que o Cândido teve uma projeção. Antes do Cândido, acho que o único matemático que adquiriu uma certa, um certo destaque internacional, foi o Joaquim Gomes de Souza.

MÁRIO MATOS: Souzinha.



LEOPOLDO NACHBIN: É, Souzinha. Agora eu... a gente também não deve ser injusto porque entre Joaquim Gomes de Souza, digamos, essa escola de matemática que surgiu na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, houve muita gente com talento matemático, como Teodoro Ramos, de São Paulo, cuja a obra eu não conheço, Amoroso Costa, do Rio de Janeiro, que tem aquele livro *As Teses Fundamentais da Matemática* (?), que eu também não conheço, Lélío Gama...

ALGUÉM (?): Lélío Gama foi de que época? Começou em que época?

LEOPOLDO NACHBIN: Eu não sei direito não. Francisco Mendes de Oliveira Castro, por exemplo. E provavelmente outros. É gente que... gente que tinha alguma forma de talento matemático que eu não posso avaliar, mas que não encontraram nenhuma facilidade, não é? Está entendendo?

Não encontraram nenhuma facilidade, de modo que eu encontrei mais facilidades que eles, você encontrou mais do que eu, não é? E outros estão encontrando muito mais do que a gente, felizmente, não é?

MÁRIO MATOS: É, em relação a isso que eu estava dizendo. A minha facilidade, foi provocada por você, muitos outros matemáticos, eu me lembro que se ouvia falar que tinha alguém, no interior de algum estado que gostava de matemática, ele era encaminhado a você, e você imediatamente arrumava condições, bolsas para as pessoas se encaminharem, não é?

Quando você começou a fazer isso? Eu sei de dezenas de pessoas que foram para o exterior, fizeram doutorado, com a sua ajuda.

LEOPOLDO NACHBIN: Isso eu comecei a partir de mais ou menos 1950. Eu passei de 1948 a 1950 em Chicago, quando eu voltei em 1950, eu fui, tornei-me pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, e foi graças ao apoio do Centro Brasileiro de Pesquisas



Físicas, sobretudo César Lattes, José Leite Lopes, que eu pude desenvolver esse tipo de atividade em benefício da matemática brasileira.

Até que em 1952, graças a uma colaboração do Cândido Lima da Silva Dias, comigo, a gente conseguiu convencer algumas autoridades do CNPq a criar o IMPA, e aí foi através do IMPA, que eu desenvolvi essa atividade.

VERA RITA: O senhor acha que esse deslocamento do eixo Rio-São Paulo, além da produção ser mais expressiva, também isso se deve a criação do IMPA? A que condições?

LEOPOLDO NACHBIN: Eu acho que se deve a criação do IMPA também.

E deve-se também ao seguinte: quer dizer, agora eu vou citar um pouco, quer dizer, eu acho o seguinte: o desenvolvimento de qualquer área, matemática, ou seja o que for, depende do aparecimento de pessoas com capacidade de liderança. Pessoas com personalidade inicial(?), capacidade de liderança, energia suficiente e numa determinada época, isso surgiu em São Paulo, noutra época, esse aparecimento verificou-se no Rio. Isso é obra do acaso, não tem nada que ver com existência de verbas disponíveis, é uma obra do acaso, é claro que o dinheiro ajuda, ajuda muito. Mas isso é uma obra do acaso.

Agora eu repito uma frase do matemático russo, radicado nos Estados Unidos, (?), que dizia que as verbas, é claro que são fundamentais e ajudam o desenvolvimento da matemática, mas o aparecimento de pessoas com genuíno talento e capacidade de liderança, não tem nada que ver com a existência de verbas, é uma obra do acaso.

VERA RITA: Atualmente, o acaso estaria agindo aonde?

LEOPOLDO NACHBIN: Difícil saber, pode ser aqui mesmo.

VERA RITA: Que centros de pesquisa, que grupos o senhor destacaria como privilegiados em termos de... potencial?



LEOPOLDO NACHBIN: Bom, eu sou um pouco suspeito, porque eu sou do Rio, eu tenho a impressão que no momento o Rio tem mais peso em matemática.

Em segundo lugar, São Paulo, com uma diferença pequena. Não é diferença grande não. Agora tem o Rio de Janeiro, a cidade do Rio de Janeiro, tem a cidade de São Paulo e tem a cidade de Campinas, que eu acho que são os principais centros matemáticos do país.

Depois vem Brasília, São Carlos, Recife e por aí. Depois Fortaleza, Porto Alegre. Mais alguma coisa, ou não? A Bahia por exemplo, é um caso curioso. A Bahia é um estado que do ponto de vista cultural é excepcional: na arte, música, a Bahia. Mas em matemática, por razões que eu desconheço...

JORGE MUJICA:(?)

LEOPOLDO NACHBIN: É, a explicação é essa. A ausência do aparecimento de pessoas com capacidade de liderança e que conseguem fazer milagres, mesmo com poucas verbas.

MÁRIO MATOS: Em compensação, a música popular, não é?

LEOPOLDO NACHBIN: É isso que eu estou dizendo. A Bahia é um estado que em literatura, música...

VERA RITA: Até que ponto não interfere a migração dessas pessoas para os grandes centros, não é? Rio, São Paulo, são grandes centros de desenvolvimento mesmo. Tem físicos, matemáticos...

LEOPOLDO NACHBIN: E também não conheço nenhum matemático baiano. Vários (?) Pernambucanos. Cearense também tem, quer dizer, mas por uma razão qualquer, a Bahia não produziu nenhum matemático que tenha se radicado em outro... não é? Mas isso é assim mesmo.

Fita 1 lado B



LEOPOLDO NACHBIN: ... São Paulo mais do que Rio de Janeiro, por razões que eu não conheço bem, teve um bom gosto excepcional em atrair matemáticos estrangeiros, por exemplo, inicialmente, o grupo de italianos que vieram para São Paulo, entre eles se destacava (?), nome de grande prestígio em Análise Funcional, Albanese, que é um nome de grande prestígio em geometria algébrica e não custa nada citar também, na Física, o nome de (?) Batalha (?). que em certo sentido, é o pai da física brasileira.

E são Rio... O Rio por exemplo, convidou Gabrielle Mamana e (?) e outros. E Luigi Sobrero na área de física matemática que eram bons professores, bons pesquisadores, mas não do mesmo nível dos italianos que foram para São Paulo.

Lá pelas tantas, o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, esqueci o nome dele, um nome francês, talvez vocês se lembrem, de nome francês que era diretor da faculdade.

Ele foi a Nova York e consultou um amigo dele, um sociólogo francês, se havia algum matemático francês, de bom nível, que estivesse disposto a trabalhar em São Paulo. E esse sociólogo disse: _"Olha, tem o André Weill que é um matemático francês de valor excepcional e que para fugir da guerra, não queria servir na guerra, conseguiu... Rockefeller trouxe ele para os Estados Unidos e ele hoje é professor numa universidade mixuruca (?), que aliás o André Weill se recusa a citar, porque diz que se ele citar, essa universidade ser injustamente famosa. (?). Quando ele se refere a essa universidade, ele se refere dizendo, a universidade não mencionável".

Então esse sociólogo sugeriu André Weill, e milagrosamente André Weill se interessou em vir para a USP, assinou um contrato de 3 anos, estava voltado para geometria algébrica. Ele impôs, em bom termos, é claro, que a vinda dele fosse condicionada a vinda também de Oscar Zaresk (?) que era um grande nome, já faleceu, da geometria algébrica.

O André Weill veio para São Paulo por 3 anos e Zaresk (?) veio para São Paulo por 1 ano e aconteceu uma coisa curiosa. André Weill dava aqui em São Paulo, o curso de Geometria Algébrica, que era a especialidade do Zaresk e do Weill também, que era um cientista sensacional. E Zaresk dava um curso de representação de grupos topológicos, que era a especialidade do André Weill.



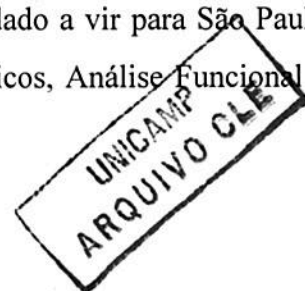
Então, os dois trocaram os papéis. Zaresk ficou um ano e foi embora, e André Weill sugeriu que fosse convidado Jean Dieudonné. Então Jean Dieudonné veio. Zaresk deu um curso excelente de introdução a geometria algébrica, cujas notas de aula foram publicadas por Jaci Monteiro.

E naquela época, o pessoal do grupo Bourbaki estava redigindo, em forma preliminar, as notas do livro de Bourbaki, por exemplo, (?) deu em São Paulo um curso sobre grupos comutativos que foi uma primeira versão do livro de Bourbaki sobre grupos comutativos. Mas que na minha opinião, é muito melhor que o Bourbaki. Está cheio de exemplos, é feito de modo acessível, natural, e de baixo para cima, ao passo que Bourbaki se propôs a expor a matemática de cima para baixo, partindo das coisas mais gerais possíveis e termina dando os exemplos.

Foi assim que muita gente no Brasil aprendeu grupos comutativos e outras coisas. André Weill quando esteve no Brasil e se interessou pelo ensino da matemática, pôde eliminar a má influência que os italianos tiveram entre nós porque... má influência em termos, porque na Itália, naquela época o pessoal dava muita importância ao ensino da geometria descritiva e aqui na Faculdade de Filosofia de São Paulo, havia uma disciplina geometria descritiva que o pessoal francês aboliu, também o pessoal italiano dava uma importância excessiva ao estudo da geometria projetiva, que a geometria projetiva é importante, mas em termos, a matemática, a geometria, não é apenas geometria projetiva.

E o André Weill deu um curso elementar, eu tinha notas, não sei o que aconteceu, sobre teoria espectral no espaço de Hilbert, quer dizer, Dieudonné e André Weill como estavam muito interessados naquela época nas atividades, digamos assim, pedagógicas, da exposição da matemática através do Bourbaki eles tiveram uma influência benéfica enorme, em São Paulo e por tabela no Rio de Janeiro também.

Posteriormente, Grotandic (?) obteve o doutorado em Nancy (?) e como ele era apátrida, não tinha uma nacionalidade definida naquela ocasião, e naquela ocasião, as universidades francesas eram muito fechadas aos estrangeiros, que depois desapareceu com o correr do tempo (?) e (?), nos sugeriram que o (?) fosse convidado a vir para São Paulo por 3 anos e fez um seminário sobre Espaços Vetoriais Topológicos, Análise Funcional e



foi nessa época que ele "pendurou as chuteiras" em Análise Funcional e passou a se interessar por geometria algébrica.

Quer dizer, ele fazia seminário aqui e dizem que durante o seminário ele comia bananas, porque as bananas brasileiras são ótimas. Mas como eu estava dizendo, São Paulo teve um bom gosto muito maior do que o Rio de Janeiro na escolha dos professores. Os italianos, depois os franceses Zaresk e outros matemáticos que vieram, o (?) também e muita gente boa que veio à São Paulo e que teve uma influência muito grande em São Paulo e por tabela, eu por exemplo, fui muito influenciado pelo Dieudonné e em parte pelo (?) também.

Dieudonné me deu trabalhos dele que tinham sido publicados e me chamava a atenção sobre as besteiras que eu fazia em termos de generalizar excessivamente coisas que não tinham sentido, que eu fazia por inexperiência e eles tiveram uma influência muito grande no Rio de Janeiro, em São Paulo, e no Rio de Janeiro.

Mas por razões... difícil de explicar, eu acho que o Rio terminou se desenvolvendo muito, creio que por influência do IMPA e eu creio que no momento, o IMPA, Rio de Janeiro é um pouco melhor que São Paulo.

VERA RITA: Que é interessante avaliar se a pesquisa fora da universidade, nos institutos de pesquisa isolados, tem mais chance de sucesso, pelo menos na área de matemática, do que...?

LEOPOLDO NACHBIN: Pois é, eu me lembro que o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, foi uma idéia do César Lattes, com outros físicos brasileiros importantes com Jaime Tiomno, Leite Lopes e outros. Quando o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas foi criado, Joaquim da Costa Ribeiro que era professor de Física na Faculdade Nacional de Filosofia, foi contra, contra em termos, contra no bom sentido da palavra, não por mesquinha, contra a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, porque ele achava que o Centro ia fazer fora da universidade, aquilo que devia ser feito na universidade.



Mas, que no Rio de Janeiro não podia ser feito por circunstâncias peculiares da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que na USP não apareceram.

Costa Ribeiro acho que tinha razão. Quando Cândido Lima da Silva Dias e eu tentamos criar o IMPA, o Costa Ribeiro era diretor nessa ocasião, diretor científico do CNPq e mais uma vez, ele foi contra, argumentava que a gente ia fazer no IMPA, aquilo que devia ser feito na universidade, mas também não podia ser feito na universidade, ele foi contra mas Arthur Moses, presidente da Academia Brasileira de Ciências foi a favor, Álvaro Alberto Mota e Silva, almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva que então era presidente do CNPq, foi a favor e o IMPA terminou sendo criado.

Na minha opinião, o CBPF e o IMPA, mereciam ser criados, tinham razão para serem criados e foi uma boa coisa para o desenvolvimento da física e da matemática no Rio de Janeiro e no Brasil. Porque essas duas instituições tiveram uma influência irradiante nos vários estados, inclusive o intercâmbio muito grande com São Paulo.

Como naquela época não havia pós-graduação estruturada em matemática e física, o CBPF e o IMPA, criaram a pós-graduação que terminaram sendo reconhecidas pelo Conselho Federal da Educação, e que naquela época, e durante um certo período, figuraram entre as pós-graduações em matemática e física das melhores do Brasil.

Aí eu volto um pouco ao ponto de vista do Costa Ribeiro que é o seguinte: existiam razões, na minha opinião, que eu conheço bem, determinantes para a criação do CBPF e do IMPA. Mas com a implantação posterior, paulatina e gradual da pós-graduação razoavelmente bem estruturada, em moldes mais ou menos norte-americanos, nas principais universidades brasileiras, na USP, na UFRJ, em Campinas, em Recife, em Brasília, etc. Com a implantação dessa pós-graduação, eu pessoalmente acho que a existência da pós-graduação em matemática no CBPF e no IMPA, perdeu uma boa parte da razão de ser.

Por exemplo: o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), foi criado e nunca, ao meu ver sabiamente, eles nunca cogitaram em implantar uma pós-graduação lá. Não tem pós-graduação, não quiseram ter, porque eles perceberam de saída que não havia razão de ser, de se criar uma pós-graduação lá no LNCC.



Quer dizer, na minha opinião, o CBPF mantém uma pós-graduação, mas eles não são muito amorosos de terem uma pós-graduação.

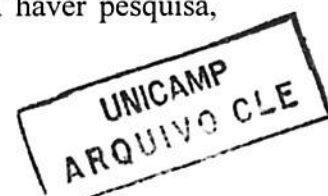
O IMPA, é o IMPA acha que a pós-graduação é importante lá, etc. Eu pessoalmente acho que essa época já passou e que institutos como o CBPF e o IMPA, que tem razão de ser, de existirem, na realidade, deviam ser centros de pesquisa, que, como o Instituto de Princeton, o Instituto de Estudos Avançados de Princeton. O Instituto de Altos Estudos da França, na França recebem alunos de pós-graduação, ajudam a pós-graduação, dá bolsas de estudos, mas não se propõem a fazer a pós-graduação, e sim pesquisa, não a pesquisa divorciada do ensino, uma pesquisa que se relaciona muito através do ensino, com o ensino, seja recebendo professores jovens das universidades para fazerem estágios de aperfeiçoamento, seja recebendo também alunos que trabalhem em doutorado.

Mas a meu ver, essa fase de pós-graduação do IMPA e do CBPF é superada, uma coisa que com o correr do tempo vai desaparecer, e esses institutos de pesquisa farão o que, por exemplo, o Instituto Oswaldo Cruz no Rio faz, na área de biologia e medicina, pesquisa, intercâmbio com as universidades, mas sem concorrer com as universidades.

VERA RITA: De qualquer forma, há um risco de se esvaziar as universidades? Tirar das universidades a função de pesquisa, não é? Deixá-las apenas com a função de ensino?

LEOPOLDO NACHBIN: Não, não. Esse risco não existe, não existe. Essa é a minha concepção; olha, nos Estados Unidos, na França, onde eu vivi algum tempo, cuja a situação eu conheço, existem universidades excelentes e universidades que são para o ensino, são para o ensino, quer dizer, nesse sentido também, existem escolas que só fazem ensino, agora as melhores universidades, as universidades que se prezam, uma USP, a UFRJ, a Unicamp, etc., Brasília e outras por aí, essas não podem esquecer da pesquisa, a pesquisa é tão importante quanto o ensino, não há um divórcio, no meu entender, entre pesquisa e ensino.

O ensino é importante para formar massa e importante também para produzir pesquisadores, professores e pesquisadores. E a pesquisa na universidade é importante, não só do ponto de vista da sociedade externa, mas internamente é essencial haver pesquisa,



sem que não haver uma remodelação do ensino, o professor que não pesquisa, nunca foi sujeito influenciado pela idéia da pesquisa, ele se cristaliza, e ensina a matemática da mesma maneira que ele aprendeu e está errado, quer dizer, as boas universidades terão que desenvolver ensino e pesquisa ao mesmo tempo.

Agora, além disso, eu acho aqui, como aconteceu nos países desenvolvidos, além, por exemplo, os Estados Unidos terem universidades excelentes como Harvard, Princeton, Berkeley, etc., Chicago, etc, existem institutos de pesquisa, seja institutos de pesquisa de caráter universitário, como o Instituto de Princeton, o Instituto de Ciências Matemáticas em Berkeley, o Instituto de Ciências Matemáticas em Minesotta e outros, seja institutos de pesquisa que desenvolvem aplicações da matemática, mas também contratam matemáticos puros interessados em aplicações da matemática e que são mantidos ou estimulados por entidades como a IBM, a Bell Company e outras instituições.

A mesma coisa ocorre na França, acho que a existência dos institutos de pesquisa, ao lado de universidades, como é o caso de Princeton, por exemplo, como é o caso de Berkeley, ou desligadas das universidades, como existe em outros lugares, a existência desses institutos é importante para o desenvolvimento da pesquisa e de uma certa maneira, também o desenvolvimento do ensino. Não sei se respondi a sua pergunta.

VERA RITA: Respondeu.

MÁRIO MATOS: Posso...? Ainda em relação a pergunta dela, o que me tem preocupado ultimamente, é perceber que as boas universidades brasileiras estão com os quadros completos. E quando eu estive na Alemanha, soube que a maior parte das universidades alemãs, estão com os quadros completos, quer dizer, os novos matemáticos não estão encontrando lugar para trabalhar.

LEOPOLDO NACHBIN: Trabalho fechado, mais ou menos.

MÁRIO MATOS: Isso eu acho que está acontecendo nas principais 3 universidades brasileiras. O que você acha? Qual devia ser a solução? Que tipo de encaminhamento



deveria ser dado para resolver esse problema? Por que as próprias universidades, na minha opinião, acabam prejudicadas, porque as pessoas envelhecem e não são as mesmas do ponto de vista do ensino e da produção de gente.

Será que isso não vai acabar com elas? Quer dizer, será que num certo sentido, quando você começou, em que a Universidade do Brasil também era uma certa cristalização, a criação do IMPA não ajudou a resolver esse problema? É um problema que eu sinto, eu estou usando a sua experiência. Na sua opinião, o que deveria ser feito para resolver esse problema das boas universidades se renovarem?

Levando em conta que os lugares estão tomados. O que que deveria ser feito, quer dizer, que tipo de soluções se dá? Eu noto por exemplo, que na Alemanha, esse problema é geral. Conheço excelentes matemáticos que não têm emprego, eles são assistentes, eles... alguns estão imigrando para a Itália. Não adianta você pegar um excelente matemático e jogar na universidade onde o ambiente não é bom, ele vai ser prejudicado e a matemática brasileira vai ser prejudicada.

Ele teria que estar num bom ambiente. É difícil, eu sei que é uma pergunta difícil, mas eu gostaria de ouvir a sua experiência.

LEOPOLDO NACHBIN: É, talvez eu pudesse, não sei, (?), resposta ... sua pergunta, se eu entendi bem, seguinte: eu acho que era importante que as indústrias ou os laboratórios de pesquisa industrial, ou mesmo instituições que não têm nada que ver, a priori, com matemática, mas que podem utilizar a matemática, como por exemplo, o Instituto de Manguinhos, oferecessem oportunidades profissionais aos matemáticos com uma excelente formação matemática, mas que interessados nas possíveis aplicações da matemática.

Porque isso, isso é feito nos Estados Unidos “as pampas”. Porque na medida que isso vem a acontecer no Brasil, as universidades por um processo natural, creio eu, reagirão no sentido de melhorar o nível dos seus quadros, procurando atrair para seus quadros, gente de valor, mas que está fora da universidade e que poderia estar na universidade.

MÁRIO MATOS: Num certo sentido, você está sugerindo uma concorrência?



LEOPOLDO NACHBIN: É, mas isso ... A concorrência é a única maneira de fazer as pessoas produzirem o máximo, melhorar seu nível, não é? Em todas as áreas.

Eu acho isso, é que as universidades brasileiras deviam, a IBM faz isso muito nos Estados Unidos, deveria fazer isso no Brasil também, deviam existir atividades fora da universidade para matemáticos puros, mas com a formação matemática que permita a eles se dedicarem também a aplicações da matemática e isso feito fora da universidade, terminará desenvolvendo as universidades.

VERA RITA: Retomando a questão, a idéia de avaliar a matemática no Brasil, como o senhor avalia a produção nacional em relação a do exterior? Atual, produção atual.

LEOPOLDO NACHBIN: Eu já vi gente como Dieudonné dizer que o Brasil é o melhor centro matemático da América Latina. Eu já vi gente como (?), matemático francês, dizer que a Argentina é o melhor centro matemático da América Latina. Como eles são pessoas, excelentes matemáticos, e de excelente formação moral, a conclusão é que o julgamento depende do juiz. Como a Argentina conseguiu formar uma escola muito forte, muito forte mesmo em Análise Harmônica, então (?), que é um grande especialista em análise harmônica me disse que, ele sabia (?), olha, eu acho que... ele acha que a Argentina é melhor que o Brasil.

Como Dieudonné (?) esteve no Brasil e conhece melhor, embora tenha estado na Argentina também, conhece melhor o desenvolvimento da matemática brasileira e é um dos pais, digamos assim, do desenvolvimento atual da matemática brasileira e outros, ele é um dos pais. Então ele conhece melhor nossa situação, embora conheça da Argentina também, e acha que o Brasil é melhor que a Argentina. Mas qualquer que seja o ponto de vista, eu acho que se o Brasil for melhor que a Argentina, não é muito melhor. E se a Argentina for melhor que o Brasil, não é muito melhor.

Melhor acho que, na minha opinião, Brasil, Argentina... por ordem alfabética, Brasil, México, são os principais centros da matemática latino-americana, provavelmente creio eu, a Argentina e o Brasil um pouco acima do México. Mas também não tenho certeza. Enquanto a diferença não for muito grande, creio que não se pode dizer, creio que a

seguir vem o Chile, o Peru, não é? Chile, Peru e depois outros países, eu não sei muito bem não.

JORGE MUJICA: O Uruguai teve alguns matemáticos.

LEOPOLDO NACHBIN: Não, o Uruguai teve, o Uruguai... o Macera (?), o La Guardia (?), que formaram dois excelentes alunos, hoje radicados no estrangeiro, (Luma e Scheffer ?). O Uruguai foi, quando eu era garoto, eu diria que o Uruguai era melhor do que o Brasil, quando eu era garoto não há dúvida que o Uruguai era melhor que o Brasil em matemática.

Mas, aí por razões políticas, perseguição política, Macera(?) foi secretário do Partido Comunista, esteve muitos anos na prisão, ele... As autoridades terminaram destruindo a escola de matemática uruguaia. O Uruguai hoje, não sei o que tem de...

JORGE MUJICA: (Acho que no próprio Uruguai... Scheffer vivia nos Estados Unidos?)

LEOPOLDO NACHBIN: É, Scheffer vivia nos Estados Unidos, Luma vivia nos Estados Unidos, (?) está na Bélgica e ...

VERA RITA: Agora, em relação aos países do primeiro mundo?

LEOPOLDO NACHBIN: Ah! Olha, o Brasil, a Argentina, aliás, ponha tudo que se... aliás, considera a América Latina como um país único, certo? Nós estamos muito abaixo deles, não tem nem comparação.

VERA RITA: Somando-se todos.

LEOPOLDO NACHBIN: É, somando todos.

Não há dúvida que desde que eu me entendo por estudante de matemática, até hoje, o Brasil desenvolveu-se incrivelmente, não tenha dúvida nenhuma. Nós nos desenvolvemos



muito, muito mesmo. A situação do Brasil hoje é muito melhor do que quando eu era estudante, não tem nem comparação.

Mas ponha todos os matemáticos, considerando a América Latina como um país só, nós estamos muito abaixo, sem falar a Rússia e os Estados Unidos, são países melhores do mundo tanto do ponto de vista qualitativo, como quantitativo, também são grandes, mas ser grande... O Brasil é grande, não é? Tem outras razões, quer dizer, tradição, leva muito tempo para... agora, Japão, França, Suécia, Alemanha, Itália, Holanda, Dinamarca, Bélgica, Inglaterra, Polônia, todos esses países ganham mais ou menos do Brasil, agora, o Brasil não está tão ruim assim, mas eles são muito melhores do que nós.

VERA RITA: Agora, o senhor vê alguma direção que a matemática no Brasil, que o senhor indicasse para a matemática no Brasil. Para onde devem convergir os financiamentos e os talentos da matemática. O senhor antevê algum caminho, alguma linha de pesquisa, onde deve se colocar as prioridades? Se devem haver, não é?

LEOPOLDO NACHBIN: Claro, a minha resposta à isso é o seguinte: é fazer o que mais ou menos se faz nos Estados Unidos e na França, é os órgãos financiadores se interessarem, quem são os melhores pesquisadores, em função dos melhores pesquisadores, entregar verbas para o desenvolvimento da matemática.

Essa é a única maneira, mas isso é um processo que envolve, por exemplo, nos Estados Unidos, tem a National Science Foundation onde trabalha gente que faz Administração, mas que tem uma boa formação matemática. Então é um processo que... nós ainda estamos longe disso. A FAPESP acerta razoavelmente melhor que o CNPq.

VERA RITA: Nesse processo ...

LEOPOLDO NACHBIN: Eu acho que a CAPES, eu acho que a CAPES acerta mais que o CNPq. O CNPq cresceu muito, não estou falando mal do CNPq não, mas o CNPq cresceu muito e hoje erra também muito, embora (?).

Mas eu acho que, o meu conselho é esse: saber em determinado momento, quem são os pesquisadores de real valor e desenvolva qualquer que seja a área, desenvolver matemática em função deles, quer dizer, a minha experiência nos Estados Unidos é a seguinte: uma universidade boa, como Harvard, lá pelas tantas, diz que gostaria de ter um cara muito bom em geometria algébrica. Então eles fazem uma análise da situação, mas não aparece uma pessoa nos padrões que eles querem em geometria algébrica, então eles pegam o que há de melhor em outra área. Está entendendo?

Não se trata de desenvolver geometria algébrica por geometria algébrica, se trata de fazer melhor. Esse é o princípio que deve nortear o desenvolvimento das universidades brasileiras. Sempre desenvolvendo em torno do melhor, seja qual for a área, a gente vai acertando.

VERA RITA: É que o processo de seleção e de definição do melhor é muito problemático.

LEOPOLDO NACHBIN: É problemático, é difícil, mas esse que é o princípio que a meu ver deve nortear o pensamento dos órgãos financiadores, CNPq, CAPES, FAPESP, FAPERJ (?), (?).

MÁRIO MATOS: Investir no talento, não é?

LEOPOLDO NACHBIN: Investir no talento, esse é que é o ... investir no talento, esse é que é o princípio, seja o que for, matemática pura ou matemática aplicada, geometria ou álgebra, análise, não importa.

Investir no talento real, fazendo isso é que a gente realmente consegue desenvolver qualquer ramo da pesquisa científica (?), qualquer um que seja, investir no talento real.

MÁRIO MATOS: Sem qualquer preconceito.

LEOPOLDO NACHBIN: Sim, sem qualquer preconceito. Esse é que é o princípio. Agora, é difícil, não é? É difícil. E para executar isso é preciso... (?)



Para executar isso, é preciso haver gente qualificada para decidir, não é? Mas a gente chega lá . A gente eu não digo, talvez nossos filhos.

MÁRIO MATOS: Gente qualificada e isenta, não é?

LEOPOLDO NACHBIN: É, gente qualificada e isenta, mas acontece o seguinte, olha: briga entre grupos existe aqui, como existe nos Estados Unidos. Agora, acontece que lá nos Estados Unidos, a escola é muito maior.

Tantos grupos, e se eu não gosto deles, mas ele gosta dele.

VERA RITA: A briga se dilui.

LEOPOLDO NACHBIN: Se dilui, está entendendo? Entre as tantas possibilidades de você se afirmar, que as brigas pessoais ou até científicas, que tem brigas científicas também, que não tem nada de pessoal, quer dizer, existem escolas, não é? Uns acham que é melhor fazer assim, outros acham que é melhor fazer assado. Isso em qualquer área. Essa brigas se diluem. No Brasil, o Brasil ainda é matematicamente pequeno, então essas brigas pessoais ou científicas ainda prevalecem.

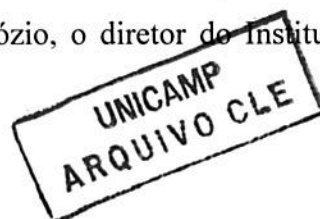
Fita 2 lado A

Leopoldo Nachbin

Entrega do Título de Professor Honorário pela Universidade Estadual de Campinas

APRESENTADOR: Senhoras e senhores, nesse momento, daremos início a solenidade de instalação da Assembléia Universitária Extraordinária que concederá o título de Professor Honorário da Unicamp ao Prof. Dr. Leopoldo Nachbin.

Para compor a mesa, chamamos o vice-reitor da Unicamp, prof. Dr. Carlos Vogt, o pró-reitor de graduação prof. Dr. Antonio Mário Antunes Sette, o pró-reitor de desenvolvimento universitário, prof. Dr. Ubiratan D'Ambrózio, o diretor do Instituto de



Matemática, Ciência da Computação da Unicamp, prof. Dr. Marco Antonio Teixeira, o prof. Dr. Schain Ronign (?) diretor do Instituto de Matemática e Estatística da USP e o prof. Dr. Mário Carvalho de Mattos, da Unicamp.

CARLOS VOGT: Declaramos então, aberta a Assembléia Extraordinária... Universitária Extraordinária para a concessão do título de Professor Honorário da Unicamp ao prof. Dr. Leopoldo Nachbin.

Convoco então, os professores Jorge Tulio Mujica e Mário Carvalho de Mattos para introduzir ao recinto, o prof. homenageado, prof. Leopoldo Nachbin.

APRESENTADOR: Solicitamos a todos que permaneçam em pé para a execução do Hino Nacional Brasileiro.

Convidamos agora, a Sra. Secretária Geral da Universidade Estadual de Campinas, Dona Arlinda Rocha Camargo, para fazer a leitura do termo de compromisso.

D. ARLINDA: Termo de compromisso que presta o prof. Dr. Leopoldo Nachbin: Aos dezessete dias do mês de agosto de um mil novecentos e oitenta e nove, as 16 hs, no anfiteatro do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da Universidade Estadual de Campinas, na cidade universitária Zefferino Vaz, em Barão Geraldo, em Assembléia Universitária presidida pelo prof. Dr. Carlos Alberto Vogt, vice-reitor em exercício da reitoria, e presentes os senhores membros dos corpos docente e discente e técnico-administrativo da Universidade Estadual de Campinas e demais convidados, comparece o excelentíssimo senhor prof. Dr. Leopoldo Nachbin, a quem o Conselho Universitário da Unicamp, em sessão realizada em vinte de outubro de 1987, conferiu o título de Professor Honorário nos seguintes termos: República Federativa do Brasil, Universidade Estadual de Campinas.

Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza, reitor da Universidade Estadual de Campinas, de acordo com a deliberação do Conselho Universitário, em sessão realizada em 20 de outubro de 1987, confere ao prof. Leopoldo Nachbin, o título de Professor Honorário pelos



relevantes serviços prestados a comunidade científica brasileira. Cidade Universitária Zefferino Vaz, 17 de agosto de 1989, assinado por Paulo Renato Costa Souza, reitor.

Depois de efetuar a entrega do diploma, promete o ilustre homenageado honrar o título honorífico com que é distinguido e cooperar sempre para a grandeza da Universidade Estadual de Campinas . E para constar, eu Arlinda Rocha Camargo, secretária geral da Unicamp, abri o presente termo de compromisso que vai assinado pelo Magnífico Reitor em exercício, pelo homenageado, pelos presentes e por mim.

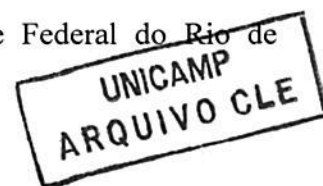
APRESENTADOR: Neste momento, o vice-reitor da Unicamp, prof. Carlos Vogt, fará a entrega solene do título de Prof. Honorário ao prof. Dr. Leopoldo Nachbin. (Aplausos)

Neste momento, fará uso da palavra, o prof. Dr. Marco Antonio Teixeira, diretor do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da Unicamp.

MARCO ANTONIO TEIXEIRA: Prezado vice-reitor, prof. Leopoldo Nachbin, colegas. A Unicamp se regozija nesse momento, pela concessão do título de Prof. Honorário ao prof. Leopoldo Nachbin, e o IMECC por sua vez, se regozija em ser o palco desse evento. Cabe-me dizer, que eu sinto orgulho de neste momento histórico, ser o diretor desse instituto, enfatizando que, a vida do prof. Leopoldo foi inteiramente dedicada à ciência, e a dimensão do IMECC, deve se em grande parte a sua atuação dentro da matemática brasileira. Resta-me somente dizer neste momento, muito obrigado, prof. Leopoldo Nachbin, e eu passo a palavra ao prof. Mário Carvalho de Mattos, que em nome do Conselho Universitário da Unicamp, fará a saudação ao prof. Leopoldo Nachbin.

MÁRIO MATOS: Meu caro amigo e professor, Leopoldo Nachbin, senhor vice-reitor da Unicamp, Carlos Vogt, demais autoridades, senhoras e senhores.

Vou ler para todos, parte de um documento emitido pela Organização dos Estados Americanos, em agosto de 1982. Como resultado de suas deliberações, a Comissão julgadora, decidiu por unanimidade de seus membros, outorgar o prêmio Ciência Bernardo (?), correspondente ao ano de 1982, no setor de Ciências Exatas ao Sr. prof. Leopoldo Nachbin, prof. titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de



Janeiro, por suas importantes contribuições e por seus numerosos trabalhos de pesquisas em diversas áreas da matemática.

A comissão julgadora destacou as contribuições do prof. Nachbin nas áreas de Análise Harmônica, Análise funcional e Topologia, mencionando de modo especial, seus trabalhos sobre Espaços Vetoriais Topológicos, sobre uma extensão do teorema de Hahn-Banach, para transformações lineares, sobre a Teoria da Aproximação e sobre a Holomorfia em dimensão infinita.

Alguns dos quais, levaram a teoremas conhecidos pelo seu nome. Além disso, a comissão julgadora, ressaltou seu profícuo trabalho como docente formador de matemáticos de alto nível no Brasil e no hemisfério, seu trabalho editorial de veiculação internacional, assim como suas contribuições para a criação e fortalecimento de instituições científicas.

Esse prêmio, que era concedido pela primeira vez a um matemático, reconheceu, com muita justiça, o trabalho que Leopoldo iniciara em 1941, aos 19 anos de idade, com a publicação de seu primeiro artigo nos Anais da Academia Brasileira de Ciências.

Nesse ano, ele era ainda aluno da Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, e também monitor da cadeira de cálculo infinitesimal. A predileção de Leopoldo pela matemática, vinha do tempo em que cursara o secundário no Ginásio Pernambucano, em Recife, recebendo os ensinamentos e a influência de um professor muito capaz, Luiz Ribeiro.

Nachbin não só assimilou o material matemático de suas aulas, como também, o interesse e a dedicação ao ensino que aquele mestre irradiava. De fato, ao longo de sua carreira, Leopoldo orientou e apoiou muitos matemáticos. Numa época em que faltava ao Brasil, centros de formação em pesquisa, Nachbin, através de suas boas relações com a comunidade matemática internacional, encaminhou dezenas de jovens brasileiros às melhores universidades no exterior para que ali se doutorassem e se beneficiassem do bom ambiente científico reinante.

Afirmo sem medo de exagerar, que esse trabalho de Leopoldo foi um dos melhores e mais bem executados planos de desenvolvimento científico realizados nesse país. Em 1943, Nachbin terminou seu curso de engenharia e também o curso de matemática na Faculdade Nacional de Filosofia, que freqüentara como aluno ouvinte, uma vez que as leis

da época, o impediam de freqüentar como aluno regular, dois cursos diferentes de uma mesma universidade.

No ano seguinte, era contratado como assistente da cadeira de cálculo infinitesimal na Escola Nacional de Engenharia e publicara seu quinto artigo de pesquisa com 22 anos de idade. No período de pós-guerra, entre 1945 e 1949, estiveram no Brasil por períodos variáveis, diversos matemáticos que muito influíram no desenvolvimento posterior da carreira do pesquisador Nachbin.

A bem da verdade, dois italianos, o matemático Gabrielle Mammana e o físico Luigi Sobrero já haviam ajudado a formação matemática de Leopoldo, quando estiveram na Faculdade Nacional de Filosofia entre os anos de 40 e 42.

Mamana fora quem apresentara à Academia Brasileira de Ciência, aquele primeiro artigo de Nachbin. O matemático português, Antonio Monteiro que nos anos 30, escrevera uma dissertação com Maurice Frechet, foi docente na Faculdade Nacional de Filosofia, entre 45 e 49 e foi quem despertou o interesse de Leopoldo por reticulados e álgebras de Boole. Além disso, foi o responsável pela sua contratação como professor regente pela Faculdade Nacional de Filosofia, a partir de 1947 e quem o aconselhou a fazer livre docência em 1948 na mesma instituição.

Os matemáticos André Weil, entre 1945 e 1947 e Jean Dieudonné entre 1946/1947 foram professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Os freqüentes contatos de Leopoldo com esses matemáticos, dois dos principais criadores do grupo (Gorbacki?), exerceram uma influência marcante no seu estilo matemático.

Datando desse época, o seu interesse acentuado pela Teoria dos Espaços Vetoriais Topológicos. Em 1947, passaram pela Faculdade Nacional de Filosofia, dois matemáticos norte-americanos da Universidade de Chicago, Adrian Albert, todo o ano acadêmico, e Marshall Stone, 3 meses. O curso de Stone sobre Anéis de Funções Contínuas, teve importância fundamental na pesquisa posterior de Leopoldo em Teoria da Aproximação.

As publicações de Leopoldo que eram 11 em 1947, passaram a 23 em 1950. O período 1948/50 foi precisamente aquele em que estagiou na Universidade de Chicago, onde além de Albert e Stone, agora chefe do Departamento de matemática, estava ainda André Weill que para lá fora em 1947, após a estadia na USP.



O resultado de Leopoldo sobre o Teorema Vetorial de Hahn-Banach, foi publicado nesse período. Também é dessa época a tese *Topologia e Ordem* apresentada por Nachbin na inscrição em 1950 para o concurso de Cátedra da Faculdade Nacional de Filosofia. As provas desse concurso só foram realizadas vinte e dois anos mais tarde, em 1972, quando finalmente Leopoldo se tornou prof. titular da UFRJ.

Essa tese, traduzida para o inglês, foi publicada em 1965 pela Van Nostrand e reimpressa em 1976, pela Krieger nos Estados Unidos. Parece até que Nachbin previra a demora do concurso ao produzir um trabalho que 26 anos mais tarde, tinha interesse suficiente para ser republicado na América do Norte.

Todavia, Leopoldo já era professor titular no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas desde 1951. Esse centro de pesquisa em física fora criado em 1949 por César Lattes e outros como uma sociedade civil, e Nachbin foi um dos seus sócios fundadores. Por outro lado, a idéia de se formar também um centro de pesquisas matemáticas começava a tomar forma na cidade do Rio de Janeiro.

No artigo "Life and Works of Leopoldo Nachbin", John Harvard escreveu o que passo a ler para todos: "Em 1951 e 1952, Nachbin estava entre aqueles que trabalharam para criar um centro de pesquisas em matemática. Em 1952, o famoso IMPA (Instituto de Matemática Pura e Aplicada) foi fundado.

Nachbin juntou-se a ele como pesquisador e foi fator fundamental para torná-lo um dos centros de matemática mais ativos e respeitados no mundo. Os anos de 1952 a 1956 foram totalmente dedicados ao IMPA. Após seu casamento, em 1956, com Maria da Graça Moura Mousinho, Leopoldo passou 2 anos nos Estados Unidos. Um como pesquisador associado na Universidade de Chicago, com bolsa da Fundação Rockefeller e outro com membro visitante do Instituto de Estudos Avançados em Princeton, com bolsa da Fundação Guggenheim.

Na volta ao Brasil, em 1958, e até 1961, dedicou-se a pesquisa e também as tarefas administrativas de organização, visando o desenvolvimento científico. Foi nesse período que ocupou posições dentro do CNPq, como membro do seu Conselho Deliberativo. A partir de 1961, sua atividade de pesquisa se tornou mais intensa e diversificada, nos dez anos seguintes, suas publicações passariam de 38 para 68 e ao mesmo tempo, seu talento



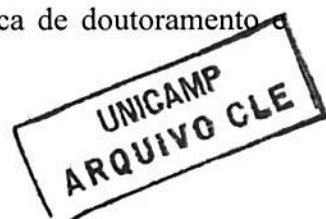
matemático foi reconhecido de forma clara pela Comunidade Internacional. Senão vejamos: de 1961 a 1963, foi professor visitante na Sourbone a convite de Laurent Schwartz (?), em 1962 foi conferencista convidado no Congresso Internacional de Matemáticos realizado na Suécia. Era a primeira vez que um brasileiro tinha tal honra. O prêmio Moinho Santista, na sua escolha, na sua primeira escolha, no setor de matemática, foi concedido a Nachbin.

Após um ciclo de conferências na Inglaterra, foi convidado por Atiyah através de uma carta, para se tornar professor permanente de uma universidade de Oxford. De 1963 a 1965, foi professor titular na Universidade de Rochester, convidado que fora por Guilmann (?). Foi nessa época que começou a se interessar por Holomorfia em Dimensão Infinita.

Em 1965 retornou ao Brasil disposto a se fixar definitivamente aqui, principalmente no IMPA, não mais realizando viagens longas ao exterior, devido as idades escolares dos filhos, limitando suas viagens a estadias curtas de 2 a 3 meses. Em 1966, a Universidade de Chicago ofereceu-lhe uma Named Endowed Professorship, em 1966, a Universidade de Rochester criou especialmente para Nachbin, em caráter permanente, uma George-Eastman Professorship, aceitando esta última oferta, tem passado em praticamente quase todos os anos, 3 meses naquela universidade.

O restante do ano tem passado no IMPA até 1971, quando de lá se afastou, na UFRJ de 1972 até, sua aposentadoria, e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas até, agora. Depois de mais de uma centena de trabalhos publicados, entre eles, 15 livros, mais de 120 conferências realizadas em 22 países diferentes, visitas por períodos curtos e longos em 11 instituições diferentes da América e da Europa, 21 orientações de tese de doutorado, envolvendo-se matemáticos do Brasil, Chile, Coréia, Índia, Irlanda, USA e Uruguai, Leopoldo continua se preocupando com o desenvolvimento da pesquisa matemática no Brasil.

Não posso deixar de mencionar o apoio que Leopoldo tem dado à Unicamp, em particular ao IMECC, desde 1974, há mais de 15 anos atrás, quando um pequeno grupo de jovens matemáticos brasileiros e estrangeiros para cá vieram a convite de Ubiratan D'Ambrózio, e iniciaram a pós-graduação neste instituto. Tendo aqui 3 dos seus alunos de doutorado e posteriormente, 9 alunos matematicamente netos. O apoio de Leopoldo se fez sempre presente através de cursos, conferências, presenças em banca de doutoramento



participação na organização de 3 simpósios internacionais aqui realizados na sua área de pesquisa.

Tenho certeza que seu apoio novamente estar sendo dado na organização do simpósio do próximo ano. Foi o professor Teixeira, diretor do IMECC que teve a iniciativa de propor essa homenagem, razão pela qual, saúdo-o. Creio que não tenho mais nada a dizer, a não ser um agradecimento formal ao meu professor por todo o trabalho que vem realizando nestes anos, pelo desenvolvimento e melhoria da pesquisa matemática em nosso País.

Muito obrigado!

(Aplausos)

APRESENTADOR: Com a palavra, nesse momento, o professor doutor Leopoldo Nachbin.

LEOPOLDO NACHBIN: Excelentíssimo Sr. diretor do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da Unicamp, senhores membros do Conselho Universitário, embora não estejam aqui presentes, professoras e professores da Unicamp, alunas e alunos, meus amigos presentes e ausentes.

Permitam-me recordar alguns eventos pessoais: no primeiro semestre de 1948, obtive o título de livre docente em matemática pela Universidade do Brasil, a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No segundo semestre em 1948, embarquei para os Estados Unidos da América, para me dedicar à pesquisa durante 2 anos na Universidade de Chicago. No primeiro ano, como bolsista do Departamento de Estado daquele país. No segundo ano, como bolsista da Fundação Guggenheim.

Em 1949, passou pela Universidade de Chicago, o físico brasileiro, prof. César Lattes, para pronunciar uma conferência sobre seus trabalhos na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Nessa oportunidade, César Lattes informou-me os planos de se criar na cidade do Rio de Janeiro, uma sociedade civil denominada Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Da qual passei a ser um dos membros fundadores.



Quando regresssei ao Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1950, tornei-me pesquisador titular do CBPF. Foi a primeira vez que tive uma posição acadêmica condigna no Brasil. Em 1951, o governo federal criou o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), o nosso atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com a mesma sigla.

O primeiro diretor do setor de pesquisas matemáticas do CNPq, foi o professor Cândido Lima da Silva Dias, aqui presente, da Universidade de São Paulo. Em suas vindas freqüentes ao Rio de Janeiro, onde ficava a sede do CNPq, Cândido Lima da Silva Dias, procurava-me para que discutíssemos como desenvolver a matemática no Rio de Janeiro.

Tivemos então, a idéia de criar um centro matemático análogo ao CBPF. Cândido Lima da Silva Dias e eu desenvolvemos um trabalho político com tal objetivo, junto ao professor Joaquim da Costa Ribeiro, então diretor científico do CNPq, junto ao Dr. Arthur Moses, então presidente da Academia Brasileira de Ciências e ao Almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva, o presidente do CNPq na época, aliás, o seu primeiro presidente.

Daí resultou a criação, em 1952 do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, o IMPA como órgão do CNPq no Rio de Janeiro. De 1952 a 1956, dediquei-me intensamente a tarefa da organização do IMPA, o que compreendia suas atividades, sua biblioteca, contando com a valiosa ajuda de Cândido Lima da Silva Dias, e sua experiência em São Paulo e de outras pessoas. Em 1956, casei-me com Maria da Graça e resolvi ausentar-me do país por 2 anos. Abrindo mão dessa tarefa de organizar o IMPA para retornar à pesquisa matemática.

Fita 2 lado B

...Chicago como bolsista da Fundação Rockfeller, continuando o segundo no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, novamente como bolsista da Fundação Guggenheim. Chicago foi de 1956 a 1957 e Princeton de 1957 a 1958. Regressei ao IMPA no segundo semestre de 1958. O meu contato com o ambiente matemático de Campinas, iniciou-se em 1960, quando o prof. Ubiratan D'Ambrózio encaminhou ao IMPA, os seus alunos Mário



Carvalho de Matos e Mauro Bianchini, que haviam terminado o bacharelado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Passei a ser orientador acadêmico de ambos no IMPA. No segundo semestre de 1961, voltei a me afastar mais uma vez do Brasil, desta feita por 4 anos. Foi o período mais longo em que estive fora do Brasil. Durante dois anos, de 1961 a 1963, fui professor visitante na Universidade de Paris. A seguir, por mais 2 anos, de 1963 a 1965, fui professor na Universidade de Rochester, no estado de Nova York.

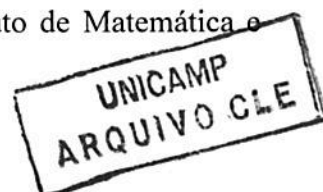
Nesta oportunidade, consegui que a Universidade de Rochester oferecesse bolsa a Mário Carvalho de Matos e Mauro Bianchini, para que trabalhassem para o PhD em seu departamento de matemática. Efetivamente, Mário Carvalho de Matos foi para a Universidade de Rochester, mas Mauro Bianchini não pode aceitar tal oportunidade, por motivos de ordem pessoal e retornou a Campinas.

Muito me alegrou a decisão de Mário Carvalho de Matos de optar pelo preparo de sua tese na Universidade de Rochester, sob minha direção, embora essa opção não representasse a minha vontade de iniciá-lo. Uma vez tendo obtido seu PhD pela Rochester, Mário Carvalho de Matos regressou ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, onde passou a exercer a atividade de docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Com a criação da Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, tendo a sua frente o reitor Zefferino Vaz, surgiu a possibilidade de nela se desenvolver mais um novo centro matemático importante do país. Desse esforço inicial, participou o professor José de Barros Neto, que aliás foi meu primeiro discípulo de doutorado, tendo preparado a sua tese comigo, no IMPA para defendê-la na Universidade de São Paulo.

José de Barros Neto, estava radicado nos Estados Unidos, e alimentava a esperança de fixar-se no Brasil através da Unicamp. Não obstante os méritos de José de Barros Neto e de outros, mas por motivos que não foram de meu pleno conhecimento na ocasião, tal tentativa inicial para se implantar a matemática na Unicamp, não teve um êxito no nível que se esperava, tendo José de Barros Neto deixado mais uma vez o Brasil para retornar aos Estados Unidos.

Uma segunda tentativa para se implantar a matemática na Unicamp, teve início quando o prof. Ubiratan D'Ambrósio tornou-se diretor do seu Instituto de Matemática e



Estatística e Ciência da Computação (IMECC), o qual hoje é um dos principais centros matemáticos da América Latina.

Ubiratan D'Ambrósio havia passado um período prolongado nos Estados Unidos, dedicando-se ao ensino, à pesquisa e exercendo também importantes atividades administrativas na área universitária Norte Americana, as quais iriam abrir seus horizontes no Brasil acadêmico.

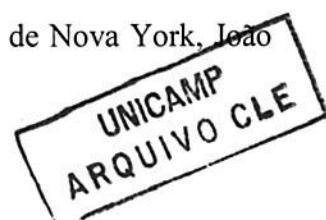
Podemos dizer hoje, sem hesitação, que essa segunda tentativa, foi coroada de pleno êxito. Quando regressei ao Brasil em 1965, após 4 anos no estrangeiro, retomei às minhas atividades no IMPA, onde aos poucos fui encontrando uma oposição crescente a minha pessoa e a minha equipe. Desse modo, a partir do 2º semestre de 1971, por motivos a respeito dos quais prefiro silenciar, resolvi com muito pesar e com meu coração partido, deixar o IMPA.

No início de 1972, passei a desenvolver minhas atividades como professor titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a fim de colaborar na implantação de seu programa de pesquisa em matemática, seu programa de pós-graduação e pesquisa em matemática.

Para mim, era como começar do zero de novo e aos meus botões eu disse que seria a minha última experiência no gênero. Não era absolutamente meu desejo em começar do zero na vida acadêmica muitas vezes. Consegui atrair Mário Carvalho de Matos para esse instituto de matemática da UFRJ.

Permitam-me retornar um pouco no tempo mais uma vez. Por volta de 1960, foi para o IMPA, um jovem, João Bosco Prolla, bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Passei a ser seu orientador acadêmico no IMPA. Devido ao meu afastamento prolongado do IMPA, por 4 anos, onde de 1961 a 1965, e que já me referi, encaminhei João Bosco Prolla para a Universidade de Nova York, com o objetivo de ele lá trabalhar para o PhD.

Fiquei bastante contente com o fato de João Bosco Prolla ter preferido preparar a tese na Universidade de Nova York, sob minha orientação, não obstante não ter sido este meu plano inicial. Uma vez tendo obtido seu PhD, pela Universidade de Nova York, João Bosco Prolla fixou-se no Rio de Janeiro, ingressando no IMPA.



Com a minha saída do IMPA, em 1971, bem como a saída simultânea de João Bosco Prolla do IMPA, posteriormente eu consegui também atrair Prolla para o Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Alguns anos mais tarde, Mário Carvalho de Matos externou-me o seu desejo de deixar o Rio de Janeiro e retornar à Campinas, alegando motivos naturais de família.

Lamentei muitíssimo tal decisão, mas apoiei-a plenamente. Foi assim que Mário Carvalho de Matos ingressou no corpo docente da Unicamp. Algum tempo depois, João Bosco Prolla comunicou-me a vontade de deixar o Rio de Janeiro e regressar a Porto Alegre, alegando motivos naturais de família.

Lamentei igualmente tal decisão, apoiando-a de todo, salvo que procurei modificá-la apenas no seguinte, apenas é modo de dizer, porque na realidade, esse apenas é uma coisa importante. Sugeri a João Bosco Prolla, que por motivos puramente matemáticos, ele procurasse ingressar na Unicamp em lugar de regressar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Seria uma opção mais sábia, do ponto de vista universitário de nosso país. Foi assim que João Bosco Prolla tornou-se membro do corpo docente da Unicamp. Dada a presença de Mário Carvalho de Matos e João Bosco Prolla na Unicamp, bem como a abertura administrativa que Ubiratan D'Ambrozio sempre me ofereceu nessa universidade, passei a desenvolver uma estreita colaboração com a pós-graduação e a pesquisa em matemática da Unicamp.

Inclusive visitando-a diversas vezes para ministrar cursos ou fazer conferências. Retornando mais uma vez no tempo, consegui que João Bosco Prolla passasse um período de 6 anos como professor visitante da Universidade de Rochester, no início da década de 1970, depois que ele se afastou do IMPA comigo.

Nessa oportunidade, um jovem chileno, Jorge Mujica, era aluno da Universidade de Rochester, como bolsista da Allas Pall (?), tornando-se muito amigo de João Bosco Prolla, o qual finalmente aconselhou-o a trabalhar para o PhD sob a minha orientação na Universidade de Rochester, como de fato ocorreu. Terminando seu PhD por Rochester, Jorge Mujica retornou a Santiago do Chile, como era natural. Como as condições matemáticas e econômicas em seu país não fossem acolhedoras em nível desejado, Jorge



Mujica terminou ingressando no corpo docente da Unicamp através das mãos de João Bosco Prolla e Mário Carvalho de Matos, o que muito me alegrou.

Foi dessa maneira, um tanto o quanto imprevisível, que me deparei com a agradável surpresa de contar com três dos meus melhores discípulos de doutorado, João Bosco Prolla, Jorge Mujica e Mário Carvalho de Matos, aos quais ora me refiro por ordem alfabética, em um dos mais promissores centros matemáticos, centros universitários da América Latina, a Unicamp, trabalhando em um instituto seu, IMECC, dirigido por Ubiratan D'Ambrózio que sempre me honrou, prestigiando-me da maneira que possível.

Dos meus pontos de vista matemático e humano, tais laços profundos com a Unicamp, foram a fonte de extensa satisfação, inclusive por motivo de realizar 3 excelentes simpósios internacionais na Unicamp, dirigidos sucessivamente por Mário Carvalho de Matos, João Bosco Prolla e Jorge Mujica, cujas atas apareceram na série North Holland Mathematics Studys publicada pela North Holland Publish Company da Holanda, da qual sou editor.

No que se refere a essa minha atividade como editor da North Holland Publish Company, pude contar com ótimas monografias redigidas por João Bosco Prolla e Jorge Mujica, assim como uma bem sucedida monografia de autoria de Laurence Young que me foi recomendada por Ubiratan D'Ambrózio na ocasião em que o autor visitava a Unicamp.

Do ponto de vista do crescimento do ensino e da pesquisa em matemática no Brasil, vi com orgulho o surgimento de discípulos de doutorado na Unicamp, orientados por João Bosco Prolla e Jorge Mujica e Mário Carvalho de Matos.

É o aparecimento de meus, digamos assim, netos matemáticos, o meu relacionamento profissional com a Unicamp, não se ateve aos nomes até agora citados, não posso ser exaustivo para não me alongar por demais, motivo porque apresento minhas desculpas por omissões involuntárias.

Verificou-se de maneira profícua em meu relacionamento com membros, verificou-se de maneira profícua o meu relacionamento com membros da área de lógica matemática da Unicamp, área a qual me pertenço. Pude oferecer-lhe a minha assistência como editor da (?) dos Estados Unidos.



Não vou enumerar maiores detalhes de meu antigo, longo e amplo relacionamento com a Unicamp. A minha satisfação foi excepcional, e tais detalhes, alguns relevantes, terminaram ficando esmaecidos pela sombra do passado.

Um fato indiscutível é que a Unicamp é hoje um dos mais exuberantes centros universitários da América Latina, não apenas em matemática, como também em diversas áreas do conhecimento humano puro e aplicado. É um centro universitário a servir de modelo e êmulo as demais universidades da América Latina. Giremos agora, na direção de outras elucubrações.

Em que nível situa-se o Brasil no mundo matemático? Creio não haver dúvida que na América Latina, o Brasil figura em primeiro plano, ao lado da Argentina e do México. Qual dos três países é o melhor em matemática, depende muito da especialidade matemática considerada.

De alguns matemáticos estrangeiros famosos, já escutei que é o Brasil, mas de outros que é a Argentina. A verdade nua e crua é que se considerarmos toda a América Latina como um único país, ainda assim, estamos muito abaixo dos maiores centros matemáticos, os Estados Unidos da América, a União Soviética, a França, a Alemanha, a Grã-Bretanha, a Itália, a Suécia, o Japão, a Polônia, etc.

A partir de 1982, o prêmio internacional mais prestigioso considerado a um matemático latino-americano, é o prêmio Bernardo Sae (?), que a Organização dos Estados Americanos (?), por bem me conceder naquele ano. Em 1989, a fundação (Bolf?) de Israel decidiu conceder o prêmio Bolf ao matemático argentino Alberto Calderon. O prêmio Bolf passa a ser a partir de agora o mais honroso prêmio internacional concedido a um matemático latino-americano.

Na área dos congressos internacionais de matemática, e no que diz respeito aos matemáticos latino americanos, o matemático argentino de origem espanhola, Luis Satallo (?) foi o primeiro a ser convidado para uma conferência, tendo eu sido o primeiro matemático do Brasil a realizar a convite uma tal conferência.

Por outro lado, o matemático argentino Alberto Calderon, foi o primeiro a ser convidado a realizar uma conferência plenária. O primeiro matemático latino americano a



se tornar membro permanente do Centro de Excelência de Princeton, seu Instituto de Estudos Avançados, foi o argentino Luis Caparelli (?).

Retornemos agora para dentro do Brasil. Sem citar nomes e instituições, opino que o Brasil tem cometido um erro político prolongado em matemática, a investir somas enormes no desenvolvimento prioritário de uma área em detrimento de outras áreas igualmente, ou até mais importantes. A verdade sempre vem à tona, é impossível ocultar o sol com a peneira, há vários caminhos que conduzem a Roma, são ditos da sabedoria... são disto banais e populares, mas verídicos.

Tais lutas por zonas de influência, existem também em outros países e fazem parte da natureza humana.

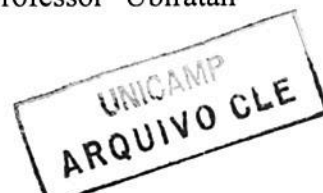
Um centro matemático como o dos Estados Unidos, o qual conheço razoavelmente bem, esses erros na política universitária, diluídos pela multiplicidade de chances que os matemáticos possuem... ficam diluídos pela multiplicidade de chances que os matemáticos possuem em seu desenvolvimento.

O que nos consola é que mesmo aos trancos e barrancos, a matemática pura e aplicada na América Latina, vem ascendendo na pesquisa. Até agora, a maior honraria que foi-me concedida no Brasil, foi o título de Dr. Honores Causa, pela Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, minha cidade natal.

Passo agora a ser... Passo agora a ter a honra de ser Professor Honorário da Unicamp. Dedico a minha alegria nessa ocasião à memória de minha esposa, Maria da Graça, bem como a presença de meus três filhos, André, Léia e Luis. Assim como a todos amigos que tanto me ajudaram no país e no estrangeiro.

Os meus agradecimentos se dirigem de modo veemente ao professor Marco Antonio Teixeira, que como diretor do IMECC da Unicamp, recomendou que tal título me fosse agraciado. Bem como aos professores Ubiratan D'Ambrózio, João Bosco Prolla, Jorge Mujica e Mário Carvalho de Matos, por tudo que fizeram por mim na Unicamp, em particular, com vistas a essa honraria que me é concedida.

A todos da Unicamp, o seu atual reitor, os seus membros do Conselho Universitário e demais autoridades, meu sincero agradecimento. Agradeço especialmente a presença do professor Cândido Lima da Silva Dias, prof. Jaime Samuel (?), professor Ubiratan



D'Ambrózio, João Bosco Prolla, infelizmente está ausente, Mário Carvalho de Matos e Jorge Mujica.

Termino aplaudindo a Unicamp e desejando-lhe um futuro cada vez mais brilhante.

APRESENTADOR: Para encerrar a sessão solene, fará uso da palavra o vice-reitor da Unicamp prof. Carlos Vogt.

CARLOS VOGT: Em nome do prof. Paulo Renato, reitor da universidade, em nome do Conselho Universitário, gostaria de parabenizar, não ao professor Leopoldo Nachbin, por este momento em que se dá a outorga de título honorífico ao prof. Nachbin, mas a Unicamp, a instituição que vai mostrando dessa forma, que através da concessão de títulos honoríficos como este, ganha exatamente a dimensão de instituição séria, respeitada e com todos os valores de qualificação, ensino e da pesquisa, que são os objetivos fundamentais de uma instituição.

A Unicamp tem desde algum tempo, concedido títulos honoríficos à vários professores. Professores que pertenceram a essa instituição, títulos de professores eméritos, caso do prof. Rogério Cerqueira Leite, professores que ainda estão na Universidade, caso do Prof. Leite Lopes, caso do Prof. Vital Brasil, concessão de títulos à professores aqui também contribuíram, como é o caso do Prof. Antonio Cândido de Melo e Souza, caso do Prof. Aníbal Pinto, a quem há que se considerar o título de Dr. Honores Causa, do poeta Mário Quintana, a quem há que se considerar também o título de Dr. Honores Causa, está em transcurso a concessão do título para Pietro Maria Baggi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, todos conhecemos e tudo isso faz com que nós nos encontremos do ponto de vista institucional, na satisfação de ter a universidade, não reconhecendo o valor de professores que contribuíram, continuarão contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa, da qualidade acadêmica, das suas atividades, mas a satisfação de termos oportunidade de conceder estes títulos que obviamente, como é o caso do Prof. Leopoldo Nachbin só merecem a universidade, enobrecem a universidade.

Eu declaro aqui de público, que neste momento, é a universidade que recebe o melhor título que concedeu. Parabéns!



LEOPOLDO NACHBIN

(aplausos).

CARLOS VOGT: Está encerrada a sessão. Como eu vi o Sílvio vestido à caráter, deve haver um coquetel, não é? (risos).

UNICAMP
ARQUIVO CLE